

RÚSSIA: UMA AMEAÇA PARA A EUROPA?

Por Olivier Dujardin*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Rússia realmente representa a principal ameaça para a Europa, considerando os desafios logísticos e táticos de uma eventual invasão? Um reforço das capacidades militares europeias pode ser necessário, mas a “ameaça russa” é superestimada.

Em seu discurso de 5 de março de 2025, o presidente francês declarou: “A Rússia se tornou, no momento em que falo e para os próximos anos, uma ameaça para a França e para a Europa.” Esta afirmação marca uma virada e serve de base para as iniciativas de rearmamento iniciadas pela França e seus parceiros europeus.

Em um mundo cada vez mais incerto, onde as relações de poder constituem a base das relações geopolíticas, a decisão da Europa e da França de fortalecer suas capacidades militares é não apenas pertinente, mas também necessária. No entanto, coloca-se uma questão essencial: a Rússia realmente representa a principal ameaça militar que os europeus enfrentarão nos próximos anos? Isso não é tão certo.

Além das ambições frequentemente atribuídas à Rússia ou das intenções atribuídas a Vladimir Putin, várias razões práticas e concretas convidam a analisar as nuances dessa percepção. De fato, pelo menos três fatores questionam a realidade tangível dessa ameaça.

Independentemente do que Vladimir Putin realmente aspira alcançar, suas ambições são amplamente limitadas pelos meios de que dispõe. Se a vigilância permanece necessária, é essencial não superestimar a ameaça russa em detrimento de outros desafios estratégicos, que podem vir de potências emergentes ou crises transnacionais.

A TRANSPARÊNCIA DO CAMPO DE BATALHA

Entre as ameaças frequentemente mencionadas está a de um ataque surpresa armado da Rússia contra os países bálticos. De acordo com este cenário, uma ofensiva fulminante permitiria a Moscou tomar rapidamente todo ou parte desses territórios, impedindo as forças da OTAN ou da União Europeia de se mobilizarem a tempo de defendê-los. A surpresa estratégica desempenharia então um papel essencial, colocando a comunidade internacional perante um fato consumado. Essa realidade poderia se aplicar igualmente a outros países fronteiriços da Rússia, como a Polônia, a Romênia ou a Finlândia.

No entanto, esse cenário baseia-se inteiramente na hipótese de uma concentração discreta e maciça de tropas russas próximo às áreas alvo. No contexto atual, tal manobra parece difícil de realizar sem ser detectada. Entre a vigilância via satélite, os drones e o trabalho dos serviços de inteligência, é praticamente impossível esconder movimentos militares de grande envergadura. A menos que se feche voluntariamente os olhos sobre os fatos, a surpresa estratégica em grande escala é hoje uma ilusão.

Além disso, as lições tiradas do conflito na Ucrânia demonstram que, mesmo em uma frente aberta, as investidas fulminantes se tornaram extremamente difíceis de realizar. Os drones de reconhecimento e os drones suicidas, combinados com artilharia e meios aéreos, tornam quase impossível a concentração de forças militares sem que estas não sejam rapidamente detectadas e neutralizadas. Em consequência, os avanços agora ocorrem lentamente, por etapas, com forças dispersas para minimizar perdas. Conquistar um território tornou-se uma empreitada longa, custosa e complexa, tornando os cenários de *blitzkrieg* obsoletos.

Cabe lembrar que os países bálticos possuem vantagens geográficas não negligenciáveis. Seus territórios, amplamente cobertos por florestas úmidas, lagoas e pântanos, oferecem poucos eixos de penetração praticáveis para um exército moderno. Essas características naturais tornam essas regiões mais fáceis de defender e complicam ainda mais os planos de uma invasão rápida.

Em suma, se a ameaça russa não deve ser subestimada, é essencial interpretá-la dentro do contexto. As realidades tecnológicas, táticas e geográficas atuais tornam os cenários de ataques-surpresa e conquistas fulminantes pouco plausíveis. A vigilância deve continuar, mas ela deve vir acompanhada de uma análise lúcida das reais capacidades da Rússia e dos desafios que ela enfrentaria em tal empreitada.

AS CIDADES, GRANDES OBSTÁCULOS AO AVANÇO

O nível de urbanização não para de aumentar em todo o mundo, e os países europeus estão entre os mais urbanizados. Essa realidade se traduz em um número crescente de concentrações urbanas cuja dimensão só faz se expandir. No entanto, os combates em zona urbana estão entre os mais complexos e custosos, em vidas humanas e recursos. As cidades, devido à sua densidade e configuração, são especialmente eficazes para uma defesa organizada. Tomar uma cidade é uma

tarefa longa, difícil e extremamente custosa, o que desacelera consideravelmente a capacidade de um invasor de tomar um país.

Para ilustrar essa realidade, eis algumas das principais batalhas urbanas recentes e sua duração:

Batalha	Período	Duração
Batalha de Alepo	2012-2016	4 anos e 5 meses
Batalha de Mossul	2016-2017	8 meses e 23 dias
Batalha de Mariupol	2022	2 meses e 26 dias
Batalha de Sievierodonetsk	2022	3 meses e 28 dias
Batalha de Bakhmut	2022-2023	20 meses
Batalha de Gaza	2023-2025	17 meses

TABELA 1: Principais batalhas urbanas em períodos recentes.

Esses exemplos mostram o quão desafiador pode ser a conquista de uma única cidade, mesmo para um exército bem equipado e determinado. Projetemos agora essa lógica para a escala de um país. Para a Ucrânia, por exemplo, a Rússia ainda teria que conquistar mais de 360 cidades importantes. Na Romênia, esse número seria superior a 300, na Polônia, quase 1.000, e nos países bálticos, cerca de 300. Esses números dão uma ideia da escala do desafio que representaria uma invasão em grande escala.

DILUIÇÃO DE MEIOS PARA OCUPAR E MANTER O TERRENO

Quanto mais um exército conquista territórios, mais ele precisa se dispersar por espaços cada vez mais vastos. No entanto, a menos que consiga aumentar continuamente seus meios militares enquanto compensa suas perdas, chega um momento em que a densidade de soldados não permite mais avançar, nem mesmo manter uma linha defensiva. Foi exatamente isso que aconteceu com as forças russas no outono de 2022, quando os ucranianos lançaram sua contraofensiva no norte, empurrando o exército de Moscou mais de 70 km para trás.

Além disso, todo território conquistado deve ser ocupado e administrado, o que requer recursos humanos consideráveis – ainda mais se a população local for hostil. É necessário pessoal civil para gerir as províncias ocupadas, forças policiais para supervisionar, ou mesmo substituir as do país conquistado, bem como tropas militares para prevenir qualquer resistência. E claro, quanto mais forte a oposição à ocupação, mais gente precisa ser mobilizada. Como exemplo, no Afeganistão, as forças da OTAN, apesar do empenho de 140.000 homens em apoio aos 350.000 soldados governamentais afegãos, nunca conseguiram controlar de forma duradoura esse país de 40 milhões de habitantes. De modo geral, historicamente, todas as tentativas de ocupação indesejada fracassaram a médio prazo.

Consequentemente, é difícil imaginar um país de 140 milhões de habitantes, já o maior do mundo e enfrentando uma demografia em declínio, se lançar na conquista de outras nações. A Rússia simplesmente não possui população suficiente para permitir-se uma tal aventura.

Deste modo, fica claro que o exército russo não possui os meios necessários para atacar diretamente países europeus em grande escala. Não, a Rússia não irá até a Romênia, à Polônia, nem mesmo à Moldávia – a menos que consiga conquistar o sul da Ucrânia, tarefa bastante improvável dado o ritmo atual de avanço de suas forças.

Além disso, é difícil entender a lógica daqueles que, nos últimos três anos, nos retrataram o Exército russo como uma força indigente: soldados mal treinados, equipamento de má qualidade, comando incompetente e, como único “trunfo”, uma capacidade de aceitar perdas “monstruosas”. Contudo, são os mesmos que apelam ao rearmamento diante da ameaça russa, enquanto afirmam que seu exército nunca foi tão fraco e que é este o momento ideal para atacá-lo. Segundo eles, se dermos tempo à Rússia, ela poderia voltar a ser ameaçadora. Mas ameaçadora em quê? Ela não terá milhões de homens para alinhar, dadas suas questões demográficas. E, se seus armamentos são tão ruins, por que temê-los? De qualquer forma, seu instrumental militar não pode se transformar radicalmente em cinco ou 10 anos.

Admitamos que a Rússia ainda teria teoricamente os meios para atacar os países bálticos, um alvo ao seu alcance. No entanto, dado o nível de urbanização e a configuração geográfica desses territórios, tal operação não seria nem simples e nem rápida. Os drones, que facilitam grandemente a defesa ao reduzir o número de soldados necessários, tornariam uma tentativa dessas relativamente fácil de conter com meios limitados. Uma defesa eficaz é, portanto, amplamente possível para os países fronteiriços da Rússia, mesmo sem a ajuda de seus aliados. É difícil prever se a Rússia se deterá na Ucrânia, mas é certo que ela não poderá ir muito além.

Portanto, se a ameaça russa serve de pretexto para justificar um rearmamento necessário, que assim seja. Mas cuidado para não especializar demais nossos instrumentos de defesa contra esta única ameaça, que permanece relativa. A confrontação com a Rússia provavelmente se concentrará em operações híbridas: ciberataques, manipulação da opinião pública ou conflitos por *proxies* em outras regiões do mundo. É aí que reside o principal perigo: focar em um inimigo específico, utilizado como espantalho, mas que não representa necessariamente a principal ameaça militar à qual deveremos enfrentar no futuro.

Publicado no [Cf2R](#).

***Olivier Dujardin** é pesquisador associado do Cf2R (Centre Français de Recherche sur le Renseignement), chefe da seção de tecnologias e armamentos e consultor independente. Ele tem mais de 20 anos de experiência em guerra eletrônica, processamento de sinais de radar e análise de sistemas de armas. Ocupou cargos operacionais em guerra eletrônica, no estudo de sistemas de radar, guerra eletrônica e análise e coleta de sinais eletromagnéticos. Ele também ocupou o cargo de especialista técnico em sistemas de coleta SIGINT.
